

ASSOCIAÇÃO CULTURAL AMIGOS DO PORTO



O CEMITÉRIO BRITÂNICO DO PORTO

ELEMENTOS HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS PARA UM ESTUDO MONOGRÁFICO

J. Francisco Ferreira Queiróz

BOLETIM DE 2006
3.^a SÉRIE • N.º 24

O CEMITÉRIO BRITÂNICO DO PORTO

ELEMENTOS HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS PARA UM ESTUDO MONOGRÁFICO*

J. Francisco Ferreira Queiroz**

Contextualização

Até ao século XVIII, os enterramentos na Grã-Bretanha eram feitos nos *churchyards* paroquiais, situados maioritariamente no centro das povoações, porque circundavam - por norma - as respectivas igrejas paroquiais.

Em termos espaciais, os *churchyards* britânicos poderiam ser equiparados aos adros das igrejas portuguesas. Contudo, na Grã-Bretanha os *churchyards* sob administração das paróquias eram cemitérios de utilização efectivamente regular. O enterramento dentro dos templos era a excepção, aplicável a alguns membros mais notáveis da respectiva comunidade. Podia haver "carneiros", alguma catacumba ou cripta para inumação dentro dos templos britânicos mas, de resto, todas as inumações eram feitas nos *churchyards*. Percebe-se, pois, a grande diferença entre um *churchyard* britânico e um adro português, este último muito mais pequeno, geralmente sem arborização e apenas servindo como local de inumação ocasional (sobretudo destinado a finados provenientes de famílias menos favorecidas economicamente)⁽¹⁾.

A generalização dos enterramentos nos *churchyards* e a própria forma destes prendia-se com a maneira de ver a morte no Anglicanismo. De facto, muitos dos *churchyards* britânicos setecentistas eram geridos pela comunidade e não pela paróquia, porque os sacerdotes anglicanos desencorajavam qualquer tipo de culto aos mortos, até como forma de se demarcarem das práticas católicas. Os ofícios fúnebres tendiam a ser o mais simples possíveis, sendo quase que abandonado o defunto logo após o enterramento. Lembramos que o Anglicanismo nega a existência do

purgatório. Consequentemente, sempre que possível eram mantidos os restos mortais no mesmo local onde foram sepultados, aguardando ali o dia do Julgamento Final. Esta característica britânica do enterramento nos *churchyards* ajuda a explicar por que razão estes eram normalmente muito maiores do que os equivalentes adros de igreja em Portugal⁽²⁾.

A criação de cemitérios britânicos em Portugal

Desde a chamada Contra-reforma até ao início do século XIX, as comunidades não católicas, nomeadamente as protestantes, estiveram impedidas de exercer culto livremente em Portugal. Consequentemente, não possuíam templos próprios junto aos quais pudessem enterrar os seus mortos. Estes tinham de ser, pois, inumados ao ar livre, em locais afastados das povoações, de forma a não provocar escândalo à ordem católica vigente.

No Funchal, por exemplo, os súbditos britânicos que faleceram na primeira metade do século XVIII (e estrangeiros não católicos em geral) foram pura e simplesmente atirados ao mar⁽³⁾. No Porto, os britânicos falecidos eram então enterrados, quer nas areias do Rio Douro ou da Foz, em maré baixa, quer num terreno em Gaia, na encosta do Cavaco e junto à margem do Douro (fig. 1)⁽⁴⁾.

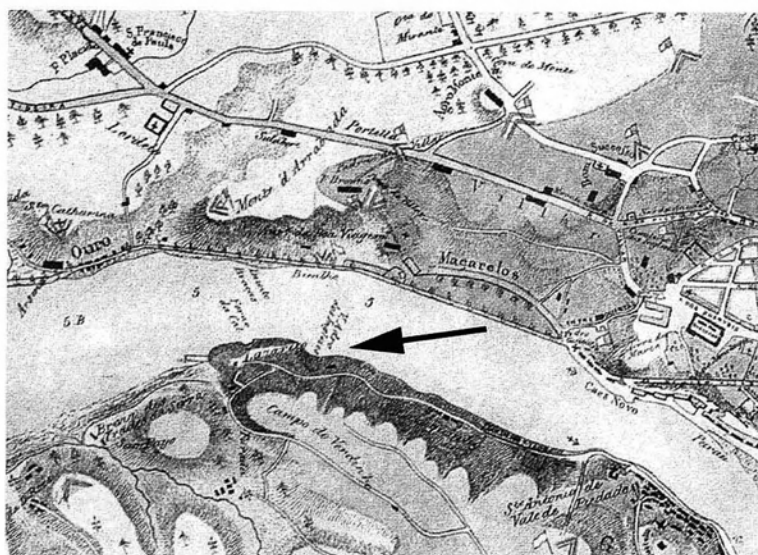


Fig. 1 - Detalhe de uma planta do Porto publicada em Londres por alturas do Cerco, onde se pode encontrar referência ao "V. Adro dos Ingleses"

Refira-se que existem registos de enterramento de membros da comunidade britânica portuense desde 1716⁽⁵⁾. Estes enterramentos seriam feitos de forma algo clandestina, com a conivência das autoridades civis, que apenas procurariam zelar para que os cadáveres desaparecessem sem vestígios⁽⁶⁾. Também por isso não podemos afirmar que tenha havido propriamente um cemitério britânico na encosta do Cavaco: não poderia ter existido ali muro erguido propositadamente, portal de entrada ou mesmo túmulos de pedra, já que estes inevitavelmente assinalariam a existência de um cemitério - facto que não era legalmente permitido. Contudo, tais suposições carecem de comprovação histórica e alguns dados são contraditórios. Por exemplo, segundo Silvestre Lacerda⁽⁷⁾, existem referências na documentação do Arquivo Histórico Municipal de Vila Nova de Gaia a uma capela e cemitério dos ingleses na praia de Vila Nova e a um outro cemitério de ingleses no Monte do Cavaco, na Quinta do Andresen. Provavelmente, haverá aqui alguma confusão de dados.

A cedência de "*um lugar idóneo*" às comunidades britânicas residentes em Portugal, para o caso de pretenderem cemitério privativo, tinha sido já prevista no artigo 14º do tratado assinado em 1654 entre Cromwell e D. João IV. Porém, a intolerância católica foi mais forte que os acordos entre as duas nações e só no século XVIII concretizou-se essa aspiração.

O primeiro verdadeiro cemitério protestante em Portugal terá sido o da comunidade britânica de Lisboa. Este cemitério foi colocado numa zona, à altura, relativamente afastada da urbe lisboeta - a Estrela. Segundo José Eduardo Horta Correia, o cemitério datará de 1711. Porém, Paula Vieira aponta o ano de 1717 como o do arrendamento do respectivo terreno (data também apontada por Vítor Manuel Lopes Dias), embora só a partir de 1725 se refiram inumações. Em visita ao local, apurámos que a primeira lápide hoje existente foi colocada na sepultura de Francis Laroche, falecido em 1724.

Na Madeira, também subsiste falta de consenso nas datas. Assim, segundo John Delaforce, o terreno para o primitivo Cemitério Britânico do Funchal foi adquirido em 1764, tendo os primeiros registos de enterramento sido feitos em 1770⁽⁸⁾. Porém, segundo o *Elucidário Madeirense*, a licença para a construção de um cemitério britânico no Funchal data de 3 de Janeiro de 1761, tendo o terreno para o cemitério sido adquirido em 10 de Setembro de 1767⁽⁹⁾. Uma coisa é certa: um outro terreno foi comprado no Funchal em 1808, para ser construído um novo cemitério britânico destinado aos militares que, na época, ocupavam a Madeira (no contexto das Invasões

Francesas). O terreno em uso foi ampliado em 1852. Na primeira metade do século XIX havia, pois, dois cemitérios britânicos no Funchal.

Em 1864, Inácio de Vilhena Barbosa refere-se aos dois cemitérios de protestantes ingleses no Funchal: o cemitério chamado dos *Residentes* (ou da Laranjeira) e o cemitério chamado dos *Adventícios*. O autor não refere a origem militar de um deles, ficando pouco claro qual dos dois cemitérios era o mais antigo. Talvez fosse o da Laranjeira, não só pela alusão aos residentes, mas também porque era o mais "*bem disposto e ornado*", dando-lhe entrada "*um bello pórtico*" (fig. 2). Este cemitério encerrava "*muitos túmulos*", era ensombrado por "*corpulentos cyrestes e outras árvores*" e ali existiam "*mil variedades de plantas odoríferas*"⁽¹⁰⁾.

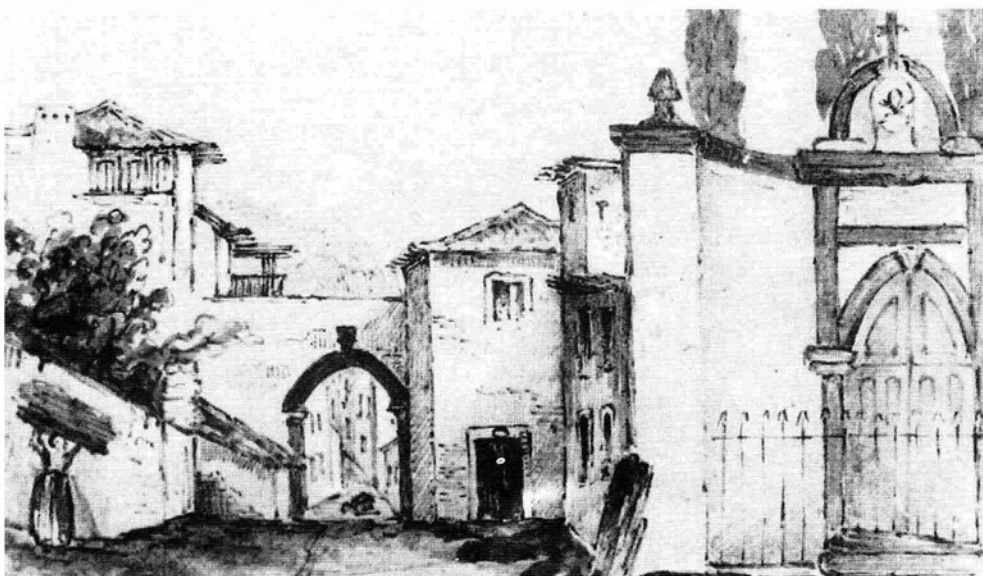


Fig. 2 - Portal do primeiro Cemitério Britânico do Funchal (aguarela de autor inglês, anterior a 1865)

A fundação do Cemitério Britânico do Porto

Quanto ao Porto, o monarca português terá ordenado e autorizado um novo cemitério para os súbditos britânicos já em 1753. Curiosamente, a comunidade não deu andamento a este assunto, o que se torna intrigante: em meados do século XVIII, a colônia britânica no Porto era já bastante numerosa e sentia-se a necessidade urgente de um cemitério legalizado e decente, pois certamente horrorizava só de pensar as condições em que os britânicos iriam ser enterrados, nas margens do rio ou mesmo no lodo do próprio rio.

Segundo John Delaforce, os documentos que consultou fazem crer que tenha havido um grande interesse por parte do governo português em regularizar a situação do enterramento dos britânicos no Porto, interesse esse não completamente correspondido pela própria comunidade. Assim, em 1779, o estado português volta a reafirmar a sua autorização para a construção de um cemitério britânico no Porto, ordenando o seu estabelecimento, algo que não foi cumprido⁽¹¹⁾. Em 26 de Novembro de 1784, uma nova ordem foi emanada, referindo-se claramente que este novo cemitério teria de ficar longe dos muros da cidade e dos locais de comércio. A esta ordem seguiu-se outra de 28 de Fevereiro de 1785. Foi precisamente nessa altura que o então Cônsul John Whitehead escolheu um terreno conveniente, pois ficava fora de portas e era "*invisível de todos os lados*"⁽¹²⁾. Este terreno situava-se algures onde hoje estão as traseiras do edifício comercial "Cristal Park" até às traseiras da Reitoria da Universidade do Porto, mais ou menos em frente ao Museu Nacional Soares dos Reis.

Este terreno pertencia à viúva Francisca Clara de Azevedo Meireles, da Quinta das Virtudes, que por ele pediu 580\$300. Contudo, deu o dito por não dito e pediu mais tarde a soma astronómica de 10.000\$000, facto que John Delaforce interpretou como uma forma de voltar atrás na intenção de o vender. Aparentemente terá havido pressões para que o cemitério não se situasse naquele local, alegadamente não a suficiente distância das muralhas e numa zona de projectada expansão da cidade. Por outro lado, dizia-se que os britânicos queriam também ali edificar um hospital.

A hipótese desse terreno foi abandonada, tendo sido proposta outra localização: um terreno por detrás da Igreja da Lapa. John Delaforce não esclarece porque este terreno foi também rejeitado, o que seria de bastante interesse perceber, já que por ali viria a ser mais tarde estabelecido o Cemitério da Lapa. Um outro terreno estava já em mente, junto à Quinta da Torre de Pedro Sem, foreiro à Colegiada de Cedofeita.

Finalmente foi possível a aprovação dos propósitos de John Whitehead e o terreno foi avaliado em 400\$000. Só que também com este terreno houve problemas, tendo sido pedido mais dinheiro pela aquisição do mesmo. Apesar dum pleito judicial em que se reconheceu razão aos britânicos, foi feito um acordo segundo o qual o Cônsul teria de pagar mais alguma quantia, totalizando a aquisição do terreno 1.300\$000, soma muito elevada.

Segundo John Delaforce este pleito terminou em 1787. Porém, a opção definitiva pela localização do cemitério na zona da Torre de Pedro

Sem será ainda de 1785. Efectivamente, Vítor Manuel Lopes Dias aponta a existência de uma escritura notarial de 29 de Agosto desse ano referente à compra a João Gonçalves e mulher Josefa Maria de 15 braças de terreno nesse local para unir à terra que aí se tinha comprado e que já era então designada como cemitério da nação inglesa. Depreende-se, pois, que teve de ser comprado mais do que um terreno para estabelecimento do cemitério, ao contrário do que faz supor John Delaforce. Mas ainda é algo nebulosa esta questão: se a escritura de 1785 já refere um terreno anteriormente comprado, então o terreno cujo pleito terminou em 1787 seria um terceiro terreno de apoio ao cemitério? Trata-se de um tema a aprofundar e a esclarecer no futuro.

Parece claro que só após a construção de muros elevados - de forma a que não causasse escândalo o enterramento não católico - ter-se-ão iniciado aqui os enterramentos, em 1788⁽¹⁵⁾. Provavelmente, foi também nesta altura edificado o marcante portal neoclássico que ainda hoje ali existe ao centro do muro do cemitério que faz face à rua. Note-se que o muro foi feito com pedra retirada do próprio recinto, que tinha sido parcialmente uma pedreira⁽¹⁶⁾.



Fig. 3 - Portal do Cemitério Britânico do Porto na actualidade (foto de Francisco Queiroz).

Este foi o primeiro verdadeiro cemitério permanente e ao ar livre na cidade do Porto. Apesar de ser propriedade britânica, facilitava a sepultura a finados de outras nacionalidades protestantes, se fosse necessário (porque estes não possuíam culto próprio nem cemitério próprio), embora as taxas de enterramento fossem maiores para todos os não britânicos. Porém, em teoria, mesmo católicos portugueses que fossem parentes directos de britânicos poderiam ter acesso a sepultura no cemitério britânico. É claro que os católicos, mesmo que parentes de britânicos (ou até de origem britânica) acabavam por ser sepultados nos tradicionais locais de inumação católica. Situação semelhante sucedeu com o Cemitério Britânico de Lisboa.

Na Figueira da Foz foi também criado um cemitério britânico em 1776, por cedência da Câmara Municipal. A povoação tinha sido elevada a vila cinco anos antes e vivia uma prosperidade notável, sendo importante porto entre Lisboa e Porto e residindo ali alguns ingleses. O cemitério privativo justificava-se, embora este tivesse sido construído com menor área que os do Porto e de Lisboa. De facto, o cemitério que chegou ao século XX possuía somente 15x11 metros de área, cercado por muros de quatro metros de altura. Situava-se no Lugar da Carneira (topónimo com provável origem no próprio cemitério), próximo das oficinas do caminho de ferro.⁽¹⁷⁾ Mais recentemente, este cemitério foi absorvido por um cemitério municipal que lhe ficava próximo, tendo sido desmantelado.

Concepção paisagística dos cemitérios britânicos de Lisboa e Porto

Tendo sido concebidos ainda no século XVIII, os principais cemitérios britânicos em Portugal, situados em Lisboa e no Porto, foram concebidos à maneira de um *churchyard* inglês, com a excepção de não terem sido planeados em função de qualquer igreja anexa. Este fenómeno é mais visível no Cemitério Britânico de Lisboa, que recebeu monumentos ainda no século XVIII, como se verá. De facto, estes monumentos não possuíram inicialmente uma organização urbanística definida, mesmo salvaguardando o facto de vários terem sido removidos para outros locais do cemitério, como consequência da abertura da Rua de S. Jorge, na década de 1940, que cortou uma parte da zona mais antiga do Cemitério Britânico de Lisboa⁽¹⁸⁾.

Nos cemitérios britânicos de Lisboa e Porto, com comunidades de alguma dimensão, existem hoje igrejas protestantes em uso. Porém, estas foram construídas apenas no início do século XIX, quando foi permitido oficialmente o culto.

A construção das igrejas⁽¹⁹⁾ protestantes junto aos cemitérios britânicos de Lisboa e do Porto sucedeu antes do movimento dos novos cemitérios vitorianos na Grã-Bretanha, o que poderá justificar, em parte, a opção pela colocação das ditas igrejas junto aos cemitérios já existentes, no que se seguiu a tradição inglesa dos churchyards. Contudo, essa opção pode também ter derivado de outros factores bem mais práticos:

- Já existiam muros altos nos locais dos cemitérios britânicos de Lisboa e Porto, factor importante tendo em conta que a construção das capelas ou igrejas de culto protestante foram permitidas desde que não causassem escândalo à ordem católica, pelo que teriam de ser invisíveis da rua (facto que ainda hoje é evidente no Porto) e não podiam possuir campanário. Para além de muros altos, o Cemitério Britânico de Lisboa levou também uma fileira de cedros junto ao muro da parte antiga, que impediam ainda mais a visibilidade para o interior⁽²⁰⁾.

- No caso do Porto, sabemos também que não foi sequer necessário adquirir mais terreno para se construir a igreja, o que tornou mais económica a opção.

- As igrejas protestantes, como deviam ser construídas em terreno pertencente ao estado britânico, mais facilmente seriam construídas no terreno dos cemitérios, que já pertenciam à nação britânica.

À primeira vista, o facto das igrejas protestantes de Lisboa e Porto terem sido construídas junto aos cemitérios já existentes poderia também derivar de outro factor: passarem a servir de local para os ofícios fúnebres. Porém, os cemitérios britânicos de Lisboa e do Porto possuíam capela mortuária já antes da construção das respectivas igrejas. E estas capelas mortuárias não tinham culto. Serviam meramente de depósito.

No Cemitério Britânico de Lisboa, a respectiva casa mortuária ostenta a data de 1794. Não se encontra no local original, devido a ter-se situado inicialmente na zona do cemitério onde está hoje a Rua de S. Jorge. Esta casa mortuária acusa influência óbvia da tipologia do templo clássico, bebida talvez no neopaladianismo inglês, até porque as colunas são de ordem dórica e a austeridade é evidente. No frontão existe o único elemento iconográfico da construção: um relevo com uma ampulheta alada orlada por duas palmas.



Fig. 4 - Casa mortuária do Cemitério Britânico de Lisboa (foto de Francisco Queiroz)

Desconhecemos as características iniciais e a data de construção da casa mortuária ("deposit house") do Cemitério Britânico do Porto. Já existia certamente muito antes de 1814⁽²¹⁾. É provável, porém, que tivesse sido construída pouco tempo após a inauguração do cemitério, sendo talvez até mais antiga que a do Cemitério Britânico de Lisboa. De facto, em 1817, esta casa mortuária dos britânicos no Porto estava arruinada, indiciando que já existisse há bastantes anos. De tal forma estava em mau estado, que se decidiu pela sua reconstrução, para servir de anexo à igreja protestante que estava a ser edificada no local, e cujas obras iam então já muito avançadas⁽²²⁾. A decisão de construir a igreja dentro do recinto do Cemitério Britânico do Porto é de Dezembro de 1814.

Prova-se, assim, que a igreja foi colocada junto ao Cemitério Britânico do Porto não para servir também de casa mortuária, substituindo a anterior edificação, mas sobretudo para suprir a carência de um local de culto protestante no Porto⁽²³⁾. Note-se que o local onde a igreja foi colocada era dantes um jardim que complementava o cemitério (veja-se a fig. 7)⁽²⁴⁾.

As obras iniciaram-se em 1815 com cerca de vinte pedreiros, sob a direcção de Joaquim da Costa Lima Sampaio, tendo-se concluído a capela em 1818⁽²⁵⁾. Como é sabido, Joaquim da Costa Lima Sampaio era um arquitecto portuense muito ligado à comunidade britânica, pois fez a sua

formação com John Carr, na planificação do Hospital de Santo António (obra iniciada por volta de 1770)⁽²⁶⁾. Joaquim da Costa Lima Sampaio era também conhecido na comunidade por ter sido aluno do Cônsul John Whitehead e, muito provavelmente, terá dirigido a obra da Feitoria, sob a direcção do próprio Whitehead⁽²⁷⁾. Joaquim da Costa Lima Sampaio terá também tido alguma intervenção na obra do palácio da família Morais e Castro (actual Museu Nacional Soares dos Reis), que decorreu na viragem do século XVIII para o século XIX⁽²⁸⁾, bem como na obra dos armazéns de vinhos dos Sandeman, na praia de Vila Nova⁽²⁹⁾. Compreende-se, assim, a opção por este arquitecto na obra da igreja situada junto ao cemitério britânico. Joaquim da Costa Lima Sampaio foi marcante na arquitectura do Porto dos finais do século XVIII e das três primeiras décadas do século XIX. A sua marca de inspiração neopaladiana continuou com o sobrinho - o arquitecto Joaquim da Costa Lima Júnior⁽³⁰⁾.

Sabemos que o Cemitério Britânico da Figueira da Foz também possuiu uma casa mortuária. Esta edificação, com seis metros de lado, era bastante grande tendo em conta a dimensão exígua do cemitério⁽³¹⁾. Não sabemos, porém, quando foi construída.

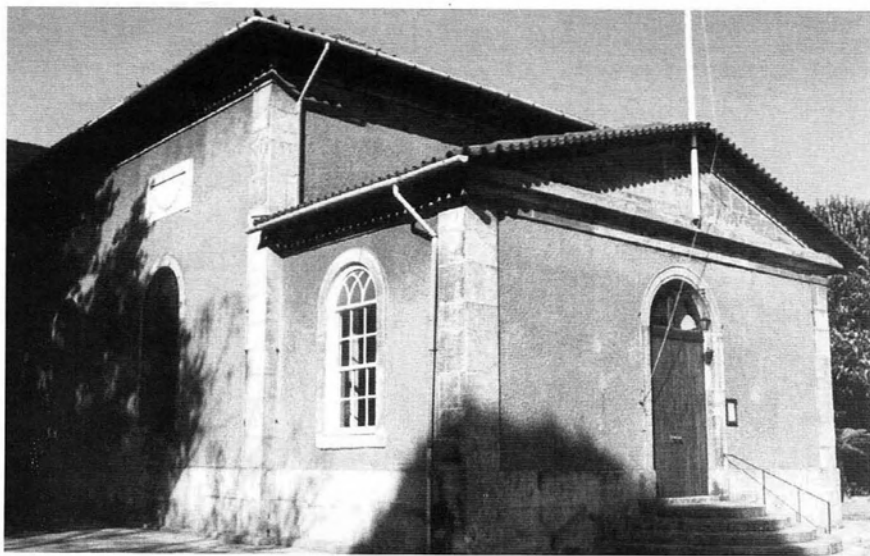


Fig. 5 - A Igreja de St. James, no interior do Cemitério Britânico do Porto (foto de Francisco Queiroz)

Refira-se que a construção das igrejas britânicas em Portugal, junto aos respectivos cemitérios de Lisboa e Porto, só foi possível após o tratado de amizade celebrado em 1810 entre o Regente D. João VI e o Rei George III, no contexto de grande fragilidade da Coroa portuguesa perante os

franceses, estando a Corte no Brasil. Este tratado previa liberdade de culto para os britânicos, desde que as igrejas se parecessem exteriormente com meras "*dwelling houses*", sem qualquer sino⁽³²⁾. Realce-se que estes privilégios não eram extensíveis a outras nações de credo maioritariamente protestante.

Efectivamente, a igreja construída junto ao Cemitério Britânico do Porto pouco se parece com uma igreja. Mas a construção que existe hoje no local sofreu já várias alterações. A principal foi levada a cabo em 1866: em 19 de Junho desse ano, a comunidade britânica portuense fez publicar um anúncio em que se pediam propostas de mestres de obras para a realização de um aumento na igreja⁽³³⁾. Segundo a imprensa da época, as obras duraram até Fevereiro de 1868. Aquando do alargamento, efectivamente levado a cabo, a casa mortuária terá sido demolida e reconstruída atrás da igreja, onde hoje ainda se encontra⁽³⁴⁾. Porém, dadas as vicissitudes por que passou esta casa mortuária, não terá hoje certamente grandes semelhanças com a primitiva, sendo evidente que a casa mortuária do Cemitério Britânico de Lisboa é mais monumental.

Em relação à igreja do Cemitério Britânico do Porto, comparando um desenho de Joaquim Cardoso Vitória Vilanova⁽³⁵⁾ com o que existe actualmente, pode concluir-se que a traça não foi alterada e o aumento de 1866-1868 integrou-se no clássico austero delineado por Joaquim da Costa Lima Sampaio. Tal como no desenho de Vilanova, de 1833, o edifício apresenta hoje um vestíbulo com frontão triangular, muito despojado (fig. 5). O corpo da igreja também é parco em decoração. Apenas existem, no meio da alvenaria e reboco das paredes exteriores da igreja, algumas pedras lavradas com festões pendentes em grinalda.



Fig. 6 - Gravura publicada no periódico "Galeria Portuguesa", de 1892-1893

O edifício da igreja quase não se vê do exterior, à excepção do telhado, como se pode verificar por uma interessante gravura publicada em finais do século XIX (fig. 6). Aliás, as aberturas do muro exterior do cemitério são cegas e o portal do cemitério é fechado por uma porta que não permite visibilidade para o interior. De notar também que o portal do cemitério, granítico e pesado, tipicamente neopaladiano, vai inspirar mais tarde o primeiro jazigo-capela do Cemitério da Lapa⁽³⁶⁾. Adiantámos já que este portal possa ter sido construído ainda no final do século XVIII, aquando da construção do cemitério britânico. Porém, não descartamos totalmente a hipótese de ter sido nobilitado (como hoje se encontra) só após a edificação da igreja. O actual portal de entrada no cemitério já é posterior (fig. 7).



Fig. 7 - Actual portal de entrada no cemitério (foto de Francisco Queiroz)

O Cemitério Britânico do Porto na cartografia antiga

Algumas plantas do Porto da primeira metade do século XIX são muito úteis para perceber a evolução do cemitério britânico, da casa mortuária e igreja e também a questão do portal⁽³⁷⁾. A planta redonda de George Balck (1813) mostra-nos um terreno bem murado, dividido em talhões, com árvores, havendo uma faixa faceando a rua que não serve para enterramentos e onde se encontra o que seria talvez a casa mortuária. Se o portal já existia, ele não surge assinalado, o que é compreensível, dada a escala pouco detalhada da planta (fig. 8).

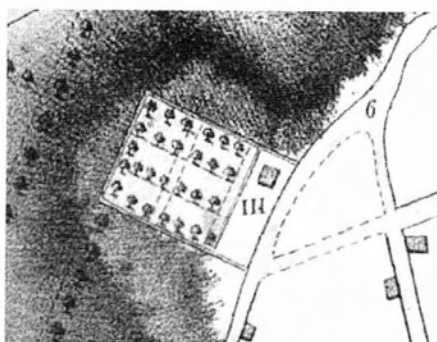


Fig. 8 - Detalhe da planta do Porto de George Balck (1813)

Outra planta do Porto, publicada em Londres em 1833, apresenta um cenário idêntico, assinalando o local como "*English Burial Ground*". Porém, sabendo-se que a igreja protestante já tinha sido construída em 1818, o trabalho de campo que deu origem a esta planta terá sido certamente anterior a essa data (fig. 9).



Fig. 9 - Detalhe de uma planta do Porto publicada em 1833

De facto, uma outra planta datável talvez de 1824 - esta muito mais interessante - mostra-nos já, com bastante detalhe, a nova igreja, com a escadaria em semicírculo de acesso ao vestíbulo (fig. 9). É claro que a igreja não é assinalada nesta planta como tal. Como já vimos, o edifício propositadamente não se assemelhava a uma igreja. Por outro lado, a igreja só foi consagrada a St. James em 1843 e só nessa altura se benzeu o Cemitério Britânico do Porto⁽³⁸⁾! A razão deste atraso poderá estar relacionada com facto de, até então, não ter existido um Bispo anglicano em Portugal para proceder à consagração. Aliás, teve de ser o Bispo de Gibraltar a fazê-lo. Refira-se que, na mesma altura, foi consagrada a igreja construída no Cemitério Britânico de Lisboa (esta actualmente bem mais parecida com

uma construção religiosa, de estilo revivalista medieval), a qual tinha sido terminada em 1822⁽³⁹⁾.

Na referida planta de cerca de 1824 é visível também o avanço do portal que dava para o exterior do Cemitério Britânico do Porto, bem como a divisão do cemitério em quatro talhões. De notar que a casa mortuária terá mudado de local com a construção da igreja, situando-a o autor da planta no interior de um dos talhões do cemitério. Por detrás da igreja protestante vê-se uma construção circular (fig. 10), que poderia ser o chafariz de pedra mármore, não fosse o facto deste só ter vindo de Lisboa em 1830⁽⁴⁰⁾.



Fig. 10 - Detalhe de uma planta do Porto datável de 1824 e atribuída a José Francisco de Paiva

Na planta do Porto de Joaquim da Costa Lima Júnior, de 1839, o cemitério britânico ("*dos ingleses*") é também assinalado, de forma menos rigorosa, apresentando-se no entanto a casa mortuária acoplada às traseiras da igreja (fig. 11). Nesta posição deve ter continuado a casa mortuária até às referidas obras de alargamento de 1866-1868.



Fig. 11 - Detalhe da planta do Porto de 1839, elaborada por Joaquim da Costa Lima Júnior

Na planta do Porto de Teles Ferreira nota-se claramente que o cemitério britânico mantém a mesma divisão em quatro talhões (como ainda hoje), mas a igreja é já maior, com transepto e capela-mor (fig. 12). Aparece-nos também a casa mortuária nas traseiras da igreja, junto ao muro norte, vendo-se o já referido chafariz.

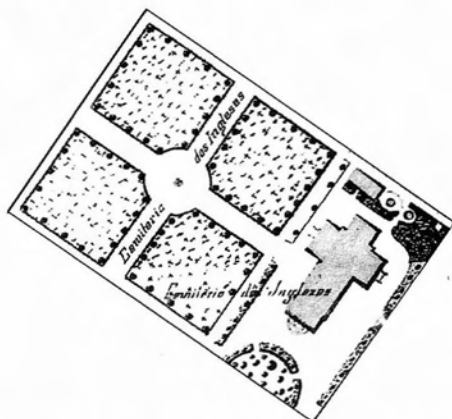


Fig. 12 - Detalhe das folhas 214 e 215 da planta do Porto de Teles Ferreira, muito mais rigorosas que a conhecida versão impressa de 1892 e levantadas alguns anos antes

Refira-se que, no Funchal, também foi construída uma igreja protestante junto ao cemitério antigo, aberta em 1822, mas só consagrada em 1860⁽⁴¹⁾. Teve de ser transferida aquando da já referida demolição do cemitério antigo, em 1888⁽⁴²⁾.

A modernidade dos cemitérios britânicos em Portugal

Apesar dos cemitérios britânicos - sobretudo os de Lisboa e do Porto - terem sido devidamente murados e terem recebido árvores após a sua criação, transformando-se em poucos anos em recintos pitorescos (potencialmente românticos), seriam estes cemitérios setecentistas em Portugal já totalmente modernos?

Julgamos que não o eram totalmente, pois estes cemitérios foram concebidos inicialmente como churchyards, não rompendo com a tradição inumacionista dos churchyards britânicos. É certo que a inumação generalizada no exterior, para pobres e ricos, sobretudo não havendo uma igreja anexa, era - para o contexto sociocultural português - uma inovação e, nessa perspectiva, admitimos facilmente que estes cemitérios - sobretudo o

de Lisboa - foram bastante importantes na transição portuguesa para os novos cemitérios oitocentistas.

O facto de terem levado muros altos a toda a volta, algo que não era muito comum nos churchyards ingleses, não pode ser interpretado como um indício de modernidade destes cemitérios, pois derivou da situação específica de cemitérios protestantes num país de Catolicismo pouco tolerante. Os muros não partiram, pois, de uma necessidade moderna de delimitação, protecção, nobilitação ou organização do espaço fúnebre.

Mas se estes cemitérios foram deliberadamente escondidos da população, até que ponto se exerceu esta influência na população católica e, sobretudo, nos decisores católicos? Trata-se de uma questão de resposta difícil, embora tenhamos encontrado indícios que mostram ter havido influência, sobretudo ao nível estético, pois alguns católicos com responsabilidades na concepção dos modernos cemitérios portugueses tiveram acesso a estes cemitérios britânicos. Apesar de tudo, a questão terá de ser tratada em trabalho à parte.

Os monumentos sepulcrais britânicos no século XVIII

Referimos já que na Grã-Bretanha do século XVIII as inumações no interior das igrejas eram pouco habituais e utilizavam-se sobretudo os churchyards, onde podiam facilmente ser colocadas pedras tumulares. E, de facto, já antes do século XVIII os churchyards britânicos possuíam algumas lápides e cruzeiras nas sepulturas, existindo até - por vezes - túmulos de alguma dimensão, algo que dificilmente sucederia de forma generalizada dentro das igrejas portuguesas da mesma época (salvo o caso de capelas laterais privativas ou de túmulos parietais). Porém, até ao nascimento dos modernos cemitérios britânicos, por volta da década de 1830, e salvo raras excepções, a maioria das pedras tumulares pouco se destacava em dimensão, não sendo sequer uma solução generalizada de tumulação dentro do Anglicanismo. De facto, as pedras tumulares anteriores ao século XIX só eram colocadas pontualmente em algumas sepulturas. Porém, a partir da segunda metade do século XVIII e, sobretudo, na primeira metade do século XIX, a generalização dos pequenos monumentos sepulcrais transformou os mais importantes churchyards britânicos em recintos razoavelmente polvilhados de pedras de cabeceira (fig. 13).



Fig. 13 - Churchyard de Hampstead (arredores de Londres) antes de 1745 (em cima)
e em 1841 (em baixo)

Tendo sido criados os cemitérios britânicos de Lisboa e do Porto um pouco à semelhança dos churchyards britânicos (salvaguardadas as diferenças já apontadas), seria de esperar que neles surgissem o mesmo tipo de pedras tumulares nas sepulturas. Lembramos que só na segunda década do século XIX começaram a erguer-se as igrejas anglicanas junto aos cemitérios britânicos de Lisboa e Porto, pelo que a inexistência de uma igreja anexa mais poderia motivar a colocação de pedras tumulares que assinalassem o carácter do espaço sepulcral e dos próprios indivíduos falecidos, muitos deles negociantes com certa capacidade económica. Aliás, os cemitérios britânicos de Lisboa e do Porto foram de certo modo cemitérios de elite, uma vez que a percentagem de gente abastada ali inumada até ao início do século XVIII era bem maior do que nos churchyards da Grã-Bretanha, onde toda a sociedade se representava, incluindo muita gente pobre e remediada, gente essa que praticamente não se notava nas comunidades britânicas residentes em Lisboa e no Porto.

Efectivamente, nos cemitérios britânicos de Lisboa e do Porto podemos encontrar pedras tumulares anteriores à criação dos primeiros cemitérios públicos em Portugal. Porém, em termos de monumentalidade dos túmulos, este fenómeno foi mais precoce e mais marcante em Lisboa. Poder-se-ia explicar este facto apenas por ser o cemitério dos britânicos em Lisboa mais antigo, mas a verdade é que o do Porto é ainda do século XVIII e deste século não existe um único monumento no cemitério, o que não significa que não tenham sido ali inumadas pessoas em finais do século XVIII ou que estas fossem todas pobres.

Os primeiros monumentos no Cemitério Britânico do Porto

Em reunião na Feitoria Inglesa do Porto de 2 de Abril de 1798, foi decidido que as sepulturas no cemitério britânico portuense passariam a ser abertas, em sequência, da esquerda para a direita e que uma lápide numerada com dois palmos de altura acima do solo, em ardósia de Valongo, fosse colocada na cabeceira de cada sepultura, ficando uma pedra com metade da dimensão aos pés. Foi também decidido que - apesar da existência da lápide - esta não poderia conter qualquer inscrição: só o capelão poderia registar os dados do inumado, num livro próprio, o qual remetia para o número da sepultura. As despesas destas lousas seriam pagas pela Feitoria⁽⁴³⁾.

Tendo em conta esta resolução, depreendem-se vários aspectos interessantes. Em primeiro lugar, o Cemitério Britânico do Porto não poderia possuir, até 1798, qualquer elemento visível acima do solo que marcasse as

sepulturas. Até essa altura, também as inumações no cemitério eram feitas quase aleatoriamente, em sepulturas não numeradas. Em resumo, tratava-se de um local de enterramento aproximado ao conceito de *churchyard* e não propriamente de um cemitério, o que aliás os registos desta altura também parecem demonstrar ao designá-lo como "*burying ground*", um termo algo ambíguo, mas que num sentido estrito poderá designar um local de enterramento menos formal e mais pequeno do que um cemitério.

Os motivos que levaram à resolução tomada em 1798 poderão ter alguma relação com uma maior ordenação que era necessária no cemitério, bem como com uma maior individualização das sepulturas, procurando não tornar a morte anónima. Ainda assim, não foram então permitidas inscrições, servindo as lousas apenas para assinalar o espaço da sepultura e conter um número.

Seguindo-se a já referida resolução tomada em 1798, a primeira lousa foi erguida no Cemitério Britânico do Porto em 4 de Agosto de 1798, na sepultura de Thomas Stafford, levando apenas como inscrição o n.º 1. Durante as duas décadas seguintes, o sistema de identificação das sepulturas poderá ter sido o mesmo, embora seja hoje difícil encontrar numeração nas sepulturas, o que nos levanta dúvidas quanto ao efectivo cumprimento da referida resolução.

À primeira vista, é algo estranha esta contenção (ou pudor) na monumentalização, contrastando com a situação do Cemitério Britânico de Lisboa dessa época, onde a grandiosidade de alguns monumentos ali já erigidos ultrapassava a de muitos outros monumentos que viriam a ser erigidos nos cemitérios portugueses na segunda metade do século XIX.

Existiu uma especificidade do Cemitério Britânico do Porto face ao cemitério congénere de Lisboa, especificidade em que pode radicar nas características das próprias comunidades que se serviram destes cemitérios. Apesar de estreitos laços socioculturais, as comunidades britânicas das duas principais cidades portuguesas eram certamente diferentes, mesmo que careçamos ainda de estudos que as caracterizem cabalmente em termos comparativos.

Por outro lado, temos também de nos lembrar que não eram só britânicos aqueles que se inumavam nos cemitérios britânicos portugueses de Lisboa e do Porto. Até ao Liberalismo, estes cemitérios davam sepultura a todos os protestantes, incluindo germânicos, holandeses, suíços e

hanseáticos. E, no Porto, esta situação perdurou quase até aos nossos dias, embora com alguns sobressaltos históricos na segunda metade do século XIX devido às guerras entre estes estados⁽⁴⁴⁾.

Também as comunidades estrangeiras não britânicas de Lisboa e do Porto eram certamente bem diferentes, sendo mais poderosas e mais visíveis socialmente em Lisboa. Ora, os germânicos e os suíços não tinham tanto pudor pela monumentalização das sepulturas como tinham os ingleses, facto que pode ter servido de emulação para estes últimos em Lisboa.

Contudo, a complexidade desta questão e a ausência de estudos de base aprofundados e sistematizados sobre as comunidades estrangeiras de Lisboa e do Porto no século XVIII não nos permitem que façamos aqui uma abordagem mais sustentada e ampliada.

Acrescente-se que no Cemitério Britânico da Figueira da Foz (anterior ao do Porto em termos de fundação), as lápides sepulcrais mais antigas que chegaram ao século XX datavam apenas da década de 1840⁽⁴⁵⁾. Em suma, o Cemitério Britânico de Lisboa é o único cemitério britânico em Portugal com túmulos ainda do século XVIII. Este facto confere ao Cemitério Britânico de Lisboa um carácter verdadeiramente especial, por ser o único local em Portugal onde se podem encontrar ao ar livre vários exemplos de monumentos sepulcrais que serviram de precedente para os monumentos erigidos nos cemitérios católicos criados após a lei de 1835.

O monumento ao Cônsul John Whitehead

O Cônsul John Whitehead era muito respeitado pela comunidade britânica do Porto, tendo servido largos anos no cargo e tendo sido provavelmente o que mais obra deixou a esta comunidade. Assim, no dia seguinte à sua morte (ou seja, em 16 de Dezembro de 1802), realizou-se uma reunião de negociantes britânicos, tendo sido tomada a seguinte resolução:

"Resolved that the Remains of the late John Whitehead Esq. our much respected consul be interr'd on Saturday the 18th instant at 12 o'clock in the centre of the Burial Ground and, in deviating of the established Rule, in respect to his memory that a handsome and most expressive monument be erected, at the expense of the Factory (...)"⁽⁴⁶⁾.

Foi na altura consultado o sobrinho e herdeiro do falecido Cônsul, William Warre, provavelmente para saber dos seus desejos quanto à melhor forma de imortalizar John Whitehead. Refira-se que na mesma reunião foi

também decidido pedir à família um retrato a óleo do finado Cônsul, para ser colocado na casa da Feitoria⁽⁴⁷⁾. Este retrato apresenta o Cônsul segurando um documento em que se lê "*British Cemetery*". Claramente, a ideia de se lhe erigir o monumento e, assim, quebrar a regra (estabelecida anos antes) de não se permitir túmulos no cemitério da comunidade britânica portuense estava também ligada ao facto de John Whitehead ter sido o fundador do próprio cemitério.

Porém, o monumento que hoje ali se vê não foi erigido senão passado muito tempo. Em carta enviada de Londres por James Warre, também sobrinho do finado Cônsul, datada de 31 de Agosto de 1820 e dirigida ao Cônsul no Porto, a situação é bem relatada:

"Dear Sir. I must take blame to myself for having so long omitted to fulfil the very kind Testimony of the late Factory's request for the memory of my late Uncle John Whitehead. I have not a plausible excuse to offer and shall therefore not attempt it, beyond saying I ordered it on receipt of their instructions and it was partly made when the war and the invasion suspended it's being forwarded and it was not finished until I was reminded of the obligation due to their Resolution. A model accompanies it and it is considered the Base and Iron railing round it can be best made in Oporto"⁽⁴⁸⁾.

Pode concluir-se que a erecção do monumento ficou a cargo da família, pagando a Feitoria apenas a despesa e, talvez, influenciando algo no gosto do monumento a erigir. Ora, a família não deve ter tido grande interesse imediato em erigir o monumento, tendo a parte principal da obra iniciado apenas pouco tempo antes das Invasões Francesas. Por essa razão, ficou inacabada, como se depreende pela carta acima transcrita.

Refira-se que, durante as Invasões Francesas, houve uma debandada generalizada dos ingleses residentes no Porto, tendo ficado o cemitério à guarda de Francisco Vanzeller, de forma a evitar eventuais actos de vandalismo.⁽⁴⁹⁾

Após as Invasões Francesas, só perante a insistência da Feitoria deu-se andamento à obra do monumento, como o próprio James Warre admitia.

O monumento é um pedestal em granito, simples, encimado por uma urna em mármore que remata em fogaréu (fig. 14). O facto do pedestal e da urna que o encima terem sido construídos em duas pedras totalmente diferentes reflecte talvez duas fases de construção, sendo que uma das partes do monumento pode ter sido feita em Inglaterra.



Fig. 14 - Monumento sepulcral de John Whitehead (foto de Francisco Queiroz)

O conteúdo da carta de James Warre não é muito claro relativamente ao monumento.⁽⁵⁰⁾ De qualquer modo, dá-se a entender que tinha sido enviado em anexo um modelo, aludindo-se também à base e ao respectivo gradeamento. Assim, mesmo não sendo explicitada na carta qual a parte do monumento que começou a ser executada antes das Invasões Francesas, esta só poderia ter sido a urna, urna essa que foi talvez executada em Londres. Se James Warre informa na carta que a parte principal do monumento estava então já concluída, julgamos que teria sido relativamente

recente a conclusão dessa mesma urna. Em função disso, James Warre terá enviado um modelo para a base e para uma grade que circundasse a base.

A base, ou pedestal, foi feita em granito do Porto, talvez ainda em 1820. Em relação à grade, refere-se na dita carta que esta poderia ser feita também no Porto, mas hoje não existe no monumento qualquer grade, embora John Delaforce tenha avançado a existência de gradeamento na sepultura de John Whitehead. Este autor refere mesmo a colocação de uma grade em 1815⁽⁵¹⁾. Porém, se só em 1820 James Warre dá conta da finalização da urna de mármore, enviando modelo para a respectiva base e grade, então a grade colocada em 1815 talvez fosse provisória e destinada a assinalar uma sepultura à época ainda rasa.

John Delaforce adianta a hipótese de que a grade colocada em 1815 tenha sido retirada, pois não surge em posteriores vistas do cemitério. Implicitamente, John Delaforce parece admitir que a grade referida em 1820 não chegou mesmo a ser executada.

Refira-se que a urna do monumento ao Cônsul é muito semelhante às urnas dos portais de duas casas erguidas sensivelmente nessa época na zona mais inglesa da cidade do Porto (Vilar - Campo Alegre), com a diferença de que a urna do monumento ao Cônsul é de mármore não português e remata com fogaréu. O mesmo tipo de urna surge nos pedestais do gradeamento do Seminário de Vilar (fig. 16).

Pela análise da informação disponível, julgamos que só a necessidade de diferenciar, de algum modo, a sepultura do eminente Cônsul John Whitehead criou um precedente que levaria à admissão ulterior de monumentos no Cemitério Britânico do Porto, embora ainda com resistências e com várias restrições. Por exemplo, nos anos seguintes, para se erigir uma pedra tumular havia que pagar a respectiva taxa, a qual variava conforme a dimensão da mesma pedra⁽⁵²⁾. Este facto inibia certamente os impulsos de maior monumentalização. Tal não veio a suceder do mesmo modo nos cemitérios católicos portugueses, em que a taxa variava geralmente conforme a área de terreno, quer este levasse um mausoléu grandioso ou se ficasse por uma mera sapata de cantaria: era uma taxa paga pelo jazigo e não pela colocação do monumento⁽⁵³⁾.



Fig. 15 - Urnas de remate da casa que hoje é conhecida como o Instituto Arcediago Vanzeller, na Rua de Vilar (foto de Francisco Queiroz). O mesmo tipo de urna encontra-se no portal da quinta onde se situa hoje o Colégio de Nossa Senhora de Lourdes (na transição de Vilar para o Campo Alegre), cuja casa ostenta as armas dos Kopke e Vanzeller.



Fig. 16 - Seminário de Vilar (foto de Francisco Queiroz)

No Cemitério Britânico do Porto havia ainda mais limitações à monumentalização: nenhuma pedra tumular poderia ter mais de 16 square feets sem ir a reunião, para ser aprovada a sua erecção. Curiosamente não se refere a prévia aprovação do tipo de monumento em termos estéticos, mas apenas da sua dimensão. No caso dos posteriores cemitérios católicos oitocentistas, era mais importante o tipo de monumento do que a dimensão que iria ocupar no jazigo, pois se este último fosse efectivamente adquirido em local aprovado, poderia ser todo o espaço utilizado para a construção tumular.

Em conclusão, só três décadas depois do Cemitério Britânico do Porto ter sido aberto a enterramentos passou a ser ali permitida a construção de monumentos. Difícil é saber exactamente que monumentos existentes no Cemitério Britânico do Porto são anteriores à lei de criação dos cemitérios públicos em Portugal (1835) pois, como também refere John Delaforce, grande parte dos epitáfios é de leitura quase impossível. Ainda assim, pelos epitáfios que conseguimos descortinar, presumimos que tenham sido muito poucos os monumentos construídos neste cemitério até 1835.

Os monumentos do Cemitério Britânico do Porto na década de 1830

Apesar de tudo, podemos concluir que foi no Cemitério Britânico do Porto que se erigiram os primeiros verdadeiros monumentos fúnebres perpétuos ao ar livre na cidade do Porto, a partir de 1820, tendo o primeiro sido precisamente o do Cônsul John Whitehead.

Porém, ao contrário do congénere lisboeta, o Cemitério Britânico do Porto devia possuir muito poucos monumentos nos finais da década de 1830. Para além do já referido túmulo de John Whitehead, poucas sepulturas possuíam mais do que pequenas lousas.

Como já se referiu, muitos dos epitáfios são de difícil leitura e, por isso, não será fácil determinar a evolução estilística dos primeiros monumentos no Cemitério Britânico do Porto sem um ulterior estudo detalhado, confrontando os epitáfios com os registos escritos. Ainda assim, julgamos que os poucos monumentos de certa dimensão construídos no Cemitério Britânico do Porto até finais da década de 1830 foram sobretudo pedestais com urnas. Também tinham sido erigidos vários monumentos do género na mesma época no Cemitério Britânico de Lisboa. Porém, no Porto, a variedade de túmulos desta época é muito restrita: para além da tipologia supramencionada, existem várias estelas e pouco mais.

Um dos monumentos mais antigos do Cemitério Britânico do Porto é o de Eliza Henrietta Graham, que faleceu de parto em 22 de Dezembro de 1831, com apenas 22 anos (fig. 17). Trata-se de um pedestal ligeiramente trapezoidal encimado por uma urna drapeada. É um monumento tipicamente britânico, sobretudo denunciado pela forma do pedestal e pelo seu coroamento de austera cimalha, onde em cada face pende um festão em grinalda, ligando-se às faces contíguas. O topo do pedestal desenvolve-se por um plinto em degraus de aresta viva até à base da urna. Refira-se que anos mais tarde ver-se-ão exemplos desta tipologia no Prado do Repouso, claramente inspirados no Cemitério Britânico do Porto.



Fig. 17 - Sepultura de Eliza Henrietta Graham (foto de Francisco Queiroz)

O monumento sepulcral de Eliza Henrietta Graham foi executado numa pedra mármore peculiar, que resiste mal às agressões atmosféricas. Talvez não seja pedra portuguesa e o monumento tenha vindo de Inglaterra, o que não é de admirar, dado seu carácter tipicamente britânico.

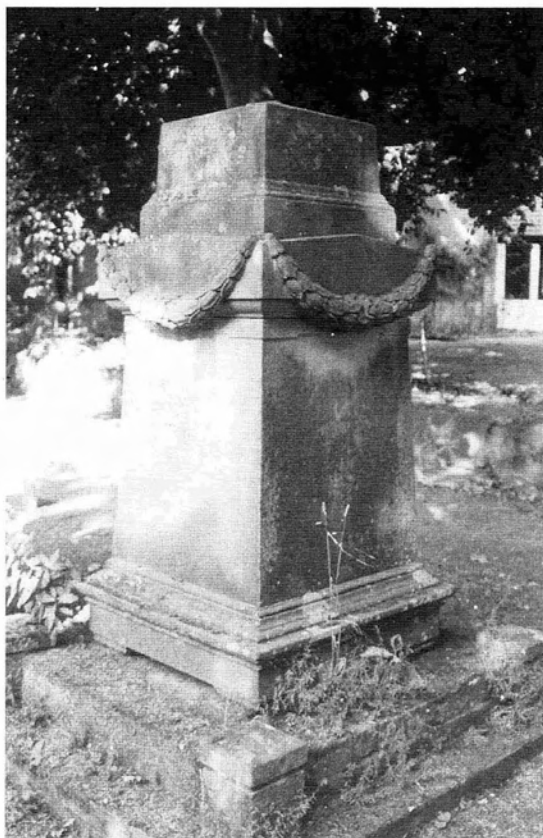


Fig. 18 - Sepultura de Marion Kingston (foto de Francisco Queiroz)

Outro dos monumentos mais antigos do Cemitério Britânico do Porto é o de Marion Kingston cujo epitáfio é ilegível, mas que poderá apontar mesmo para uma data anterior à do mausoléu de Eliza Henrietta Graham. Uma coisa é certa, a pedra utilizada não é, de facto, portuguesa. Terá provavelmente sido executado em Inglaterra, o que é patente na tipologia do monumento (fig. 18). Trata-se de outro pedestal ligeiramente trapezoidal, coroadado ainda de forma mais austera, também com um festão em grinalda pendendo em cada face da cornija e ligando-se às faces contíguas. O topo do pedestal desenvolve-se por um plinto em vários tempos até terminar em forma ligeiramente piramidal, quase sem molduras. É muito interessante a maneira

como o pedestal assenta no soco, simulando nos cantoneiros quatro diminutos pilares de cantaria. Não conhecemos nenhum outro exemplo desta solução em Portugal.



Fig. 19 - Sepultura de Charlotte Ormerod (foto de Francisco Queiroz)

Finalmente, dentro da categoria dos monumentos mais antigos com certa dimensão, damos o exemplo do mausoléu erigido a Charlotte, mulher de Lawrence Ormerod ("*near Rochdale County*"). Ela faleceu em 1833, sendo o monumento desse ano ou de pouco tempo depois. É um pedestal, desta feita paralelepípedo, com algumas molduras, mas, mesmo assim, austero. O pedestal apoia-se em três degraus e é encimado por uma urna drapeada. Este pedestal possui um filete no seu último oitavo superior, o qual define, abaixo, o campo epigráfico, solução que surgirá em outros monumentos da época, quer no Cemitério Britânico de Lisboa, quer mesmo em alguns dos mais antigos cemitérios públicos portugueses. Consequentemente - e até tendo em conta que o monumento é de lioz -

poderá ter sido feito em Portugal, talvez em Lisboa. Aliás, é praticamente idêntico ao do Barão de Fagel (de Haia), que faleceu em 1822, e que se encontra no Cemitério Britânico de Lisboa.

Este monumento dedicado a Charlotte Ormerod também poderá ter sido executado no Porto mas se esta hipótese vier a confirmar-se estamos persuadidos que só poderá ter sido um o executante: Emídio Amatucci.

Emídio Amatucci terá sido o primeiro canteiro ornatista de mármore no Porto e pode ter executado vários dos monumentos do Cemitério Britânico do Porto, após 1833 e até à sua morte em 1872. De facto, Emídio Amatucci denuncia claramente uma influência da tumulária dos cemitérios britânicos nas suas obras em cemitérios católicos, como demonstrámos na nossa tese de Doutoramento⁽⁵⁴⁾.

Em 1849, Emídio Amatucci executou o mausoléu da sepultura de Edward Egan (11 de Abril de 1801 - 20 de Janeiro de 1849). Trata-se do único monumento no Cemitério Britânico do Porto com epígrafe visível de Emídio Amatucci ("Amatucci"), embora alguns outros monumentos neste cemitério foram comprovadamente construídos por Emídio Amatucci, com base em novos elementos documentais que iremos analisar e publicar em outra oportunidade (fig. 20).

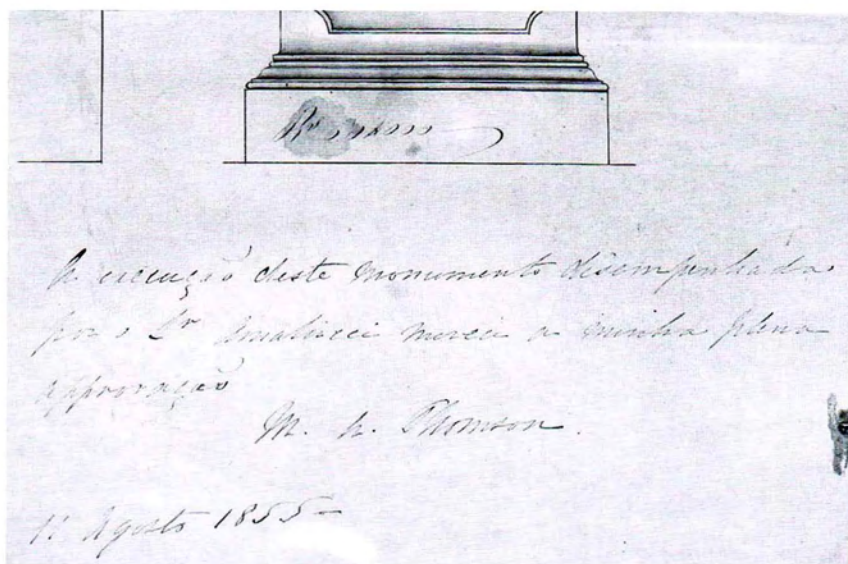


Fig. 20 - Detalhe da quitação dada a Emídio Amatucci no rodapé de um projecto para pedra tumular destinado ao Cemitério Britânico do Porto em 1855 (documento de colecção particular)



Fig. 21 - Sepultura de Edward Egan (foto de Francisco Queiroz)

No caso do mausoléu de Edward Egan, note-se a simplicidade do monumento (fig. 21) e veja-se como um filete define o último sexto do pedestal, solução que Amatucci tinha já ensaiado nas suas obras mais antigas existentes no Cemitério da Lapa e que tinha sido também utilizada nos mais antigos cemitérios de Lisboa pelo ornatista Fidele Baldi. Veja-se igualmente a urna, canelada e encimada por uma singela flâmula, um tipo de urna que vamos encontrar mais tarde em alguns monumentos do Prado do Repouso.

O próprio Fidele Baldi, que terá executado obras para o Cemitério Britânico de Lisboa, também poderá ter executado alguma obra para o Cemitério Britânico do Porto, sobretudo nas décadas de 1830 e 1840. Supomos que algumas das lápides aqui existentes tenham mesmo vindo de Lisboa.

Numa descrição datada de Dezembro de 1840 sobre as fazendas descarregadas na alfândega portuense, encontrámos notícia de que tinha sido feito o desembarque de "*uma pedra para sepultura*", a qual chegara de Lisboa no iate "*Novo Restaurador*"⁽⁵⁵⁾. Supomos que possa ter sido destinada ao Cemitério Britânico do Porto, caso fosse uma pequena cabeceira.

Já referimos que pelo menos um monumento oitocentista do Cemitério Britânico do Porto terá sido importado de Inglaterra (tal como sucedeu em outros cemitérios de comunidades britânicas residentes longe da sua pátria). Contudo, quase todos os monumentos oitocentistas no Cemitério Britânico do Porto foram executados em lioz da região de Lisboa, grande parte dos quais já trabalhados por oficinas da cidade do Porto (sobretudo aqueles da segunda metade de Oitocentos). No Cemitério Britânico do Porto vêem-se também algumas lápides em granito do Porto e escassos monumentos em mármore. Existem igualmente várias lousas. A lousa foi bastante utilizada no Cemitério Britânico do Porto não só porque se prestava à tipologia da lápide de cabeceira - a mais usada neste cemitério, mas também porque a exploração intensiva deste material em Valongo deveu-se, em grande parte, a capitais britânicos.

Conclusão

No exíguo âmbito deste trabalho não poderemos abordar os monumentos posteriores à década de 1830 existentes no Cemitério Britânico do Porto, análise que - mesmo resumida e limitada a aspectos artísticos - por si só daria origem a um trabalho de dimensão equivalente a este.



Fig. 22 - Lápides de sepultura típicas da década de 1860 (foto de Francisco Queiroz)

Embora os monumentos de pequena dimensão predominem no Cemitério Britânico do Porto (fig. 22), alguns possuem características interessantes que não se encontram nos cemitérios portugueses de matriz católica. Paralelamente, outros monumentos sepulcrais assumem-se como sínteses entre as duas realidades, merecendo um estudo que contamos elaborar mais tarde. Esse estudo terá de ser articulado com um melhor conhecimento da comunidade estrangeira protestante do Porto do século XIX, representada de forma exemplar no cemitério.

Muito resumidamente, citaremos as sepulturas perpétuas de algumas famílias ligadas aos vinhos, como os Sandeman, os Graham ou os Dow. Imperturbável, pode ver-se quase perdida no cemitério a modesta sepultura do Barão de Forrester. Em contraste, apresenta-se o mausoléu vertical de Frederick Jebb, ainda assim de uma tipologia relativamente comum em Inglaterra nessa época. Referencie-se também um interessante monumento em forma de coluna com heras pertencente à família Cassels e outras sepulturas mais discretas, como a de George Marcellus Rocher (f. 1841), a de Alexandre Fleming (f. 1851) e a do pioneiro fotógrafo amador Frederick William Flower. Quanto à sepultura de John Flood (fig. 23), falecido em 1838⁽⁵⁶⁾, apesar de ser também singela terá servido de inspiração para um monumento muito semelhante existente no Cemitério da Lapa.



Fig. 23 - Sepultura de John Flood (foto de Francisco Queiroz)

Lembramos ainda os nomes de capitalistas com interesses na indústria (nomeadamente na fundição e na extracção mineira), na navegação e no comércio por grosso, tais como Charles Coverley (fig. 24), Frederick Brindle, William Wilby, Francis Ennor, Edward Kebe, Diedrich Mathias Feuerheard e George Reid. Os Redpath, os Hargreaves, os Shreck, os Atkinson, os Rumsey, os Wigham, os Thomson, os Roughton, os Murat e os Wye também possuem sepulturas no Cemitério Britânico do Porto, assim como algumas figuras menos conhecidas das famílias Biel e Kopke.

Linha de vapores entre Hamburgo e Porto

WERLEY & WESTRAY 37, LEADENHALL STREET 13, GREAT TOWER STREET LONDRES E. C.	CHARLES COVERLEY & C.^o CONSIGNATARIOS 55, RUA DA REBOLEIRA—1.^o ANDAR PORTO	THEODOR & F. EIMBCKE CONSIGNATARIOS HAMBURGO
--	---	---

Sup. _____

Carga N. ^o <i>29</i> MARCAS E NÚMEROS <i>F & G</i> <i>5346</i>	Conhecimento N. ^o <i>25</i> VOLUMES <i>1 Volume</i>
--	--

PORTO

Temos a honra de comunicar-lhe que chegaram os volumes que ao seu endereço vieram pelo Vapor "*Rotterdam*" entrado n'este porto.

O frete e mais despesas importam em *18490* reis, e contra o embolso d'esta quantia **acompanhada do recibo vindo de Hamburgo**, entregaremos o respectivo conhecimento.

Cumpre-nos acrescentar que devendo os Snrs. Recbedores da carga, ser directamente prevenidos pelos carregadores, da expedição dos seus volumes, em caso algum pôde constituir obrigação para os *Armadores ou seus Consignatarios*, a falta involuntaria da entrega d'este aviso.

Somos,

De V.
muito attentos veneradores,

Charles Coverley & C.^o

<i>Quil 2/6</i>	<i>\$570</i>
<i>Barbagem</i>	<i>1100</i>
<i>Despesa 2/6</i>	<i>\$820</i>
<i>Total Br.</i>	<i>18490</i>
<i>Total Liq.</i>	<i>18490</i>

Fig. 24 - Recibo de Charles Coverley & Ca., de 1882 (Arquivo da Irmandade da Lapa)

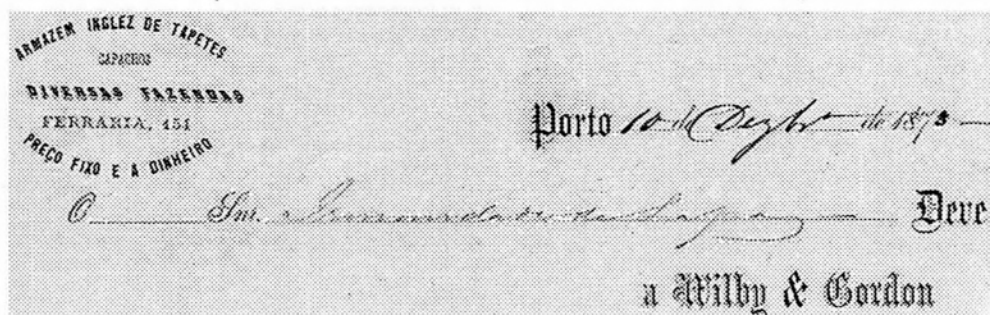


Fig. 25 - Recibo de Wilby & Gordon (Arquivo da Irmandade da Lapa)

Lembramos que estas duas últimas famílias são de origem germânica, assim como os Katzenstein e os Wengorovius, cujas sepulturas se dispõem preferencialmente numa determinada zona do cemitério. É precisamente nesta zona que nos chamou a atenção a sepultura de Greeve Herman E. Whancel, falecido em 1864. Esta sepultura está marcada apenas com uma cruz em ferro fundido (fig. 26). A cruz foi provavelmente trazida da Suécia, de onde o finado era natural, tendo sido enterrada directamente na terra. Tal tipo de enobrecimento de sepultura perpétua não se utilizou em Portugal fora dos cemitérios britânicos, mas este exemplo concreto nem sequer possui paralelo em Portugal, tendo em conta o material utilizado e a sua combinação iconográfica: ao fundo da cruz parecem existir dois fachos invertidos em relevo; no trilóbulo superior da cruz existe um casulo e uma borboleta, sugerindo o nascimento da alma e o seu percurso ascensional para o Céu. Como se pode depreender, se na década de 1860 o Cemitério Britânico do Porto continuava a ser sobretudo um cemitério de singelas lápides, também aqui surgiram alguns pequenos monumentos curiosos.

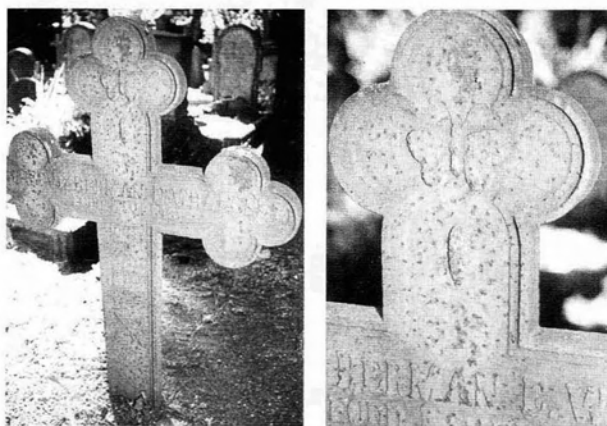


Fig. 26 - Sepultura de Greeve Herman E. Whancel (fotos de Francisco Queiroz)

Por último refira-se um outro detalhe importante relativamente à forma como o Cemitério Britânico do Porto está organizado e que o torna diferente de todos os demais cemitérios do Porto. De 1788 a 1798 - quando se resolveu que as sepulturas fosse abertas em sequência e nelas colocadas uma lousa numerada - tinham ocorrido cerca de cem enterramentos . Porém, em data não conhecida, as sepulturas voltaram a não ser abertas em sequência, notando-se que os paroquianos iam reservando espaços para as suas próprias sepulturas⁽⁵⁸⁾, eventualmente junto a sepulturas de familiares, pois é assim que o Cemitério Britânico do Porto encontra-se actualmente organizado. Para além de existir uma zona do cemitério para os germânicos e hanseáticos, as próprias sepulturas de família dispõem-se em grupos. Não nos esqueçamos que a tradição dos churchyards britânicos - seguida no Cemitério Britânico do Porto, não concebia a ideia de jazigo de família. Cada sepultura era individual e não podia ser objecto de exumação.



CONDE DE MOSER

Fig. 27

No Cemitério Britânico do Porto, cada lápide regista quase sempre um só nome. Ainda assim, colocando-se todas as sepulturas de um mesmo apelido numa só zona do cemitério, a noção de família poderia emergir de outro modo. Por vezes, grupos de sepulturas de uma mesma família, cada qual com a sua lápide à cabeceira, foram unidos por pequenas platibandas de pedra, que hoje quase não se percebem devido à vegetação. Não são

elementos de vedação, mas sim de demarcação, pois não prejudicam a passagem por cima das sepulturas. Aliás, as pouquíssimas grades existentes neste cemitério (assim como no congénere de Lisboa) são geralmente tão baixas que podem ser facilmente atravessadas. As grades também não foram comuns nos churchyards britânicos. Apenas em cemitérios ingleses mais cosmopolitas e com maior influência francesa foram utilizadas grades de outro aparato. O monumento do Cemitério Britânico do Porto que mais se insere nesta tipologia internacional afrancesada é o do importante negociante e capitalista Conde de Moser (Eduardo Moser), figura que - por si só - merecia uma biografia minimamente detalhada (fig. 27).

Muito está ainda por saber sobre o mais secreto dos cemitérios do Porto.

* Para a elaboração deste trabalho contamos com a disponibilidade do Cemitério Britânico do Porto, na pessoa da D. Cecília Teixeira. Foi também valioso o apoio bibliográfico prestado por Julie Rugg (Cemetery Research Group - Universidade de York) e por António Manuel Silva (Arqueólogo - Gabinete de Arqueologia Urbana da Câmara Municipal do Porto / Universidade do Porto). Lembramos ainda a incondicional ajuda no trabalho de campo que nos prestou a Ana Margarida Portela (Conservadora / Restauradora e Historiadora de Arte). Por último, deixamos os nossos agradecimentos a José Assunção, que nos facultou o acesso a um importantíssimo espólio documental com implicações para história deste cemitério.

** Doutor em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Docente de História da Arquitectura e Urbanismo na Escola Superior Artística do Porto. francisqueiroz@clix.pt, <http://franciscoeanamargarida.planetaclix.pt>

-
- 1 - Este trabalho é uma adaptação e ampliação de capítulos incluídos na nossa tese de Doutoramento "Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal - Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória" (Porto, 2002). No texto original incluído na dita tese podem ser encontradas em nota referências mais detalhadas às fontes e bibliografia.
 - 2 - Veja-se também QUEIROZ, Francisco / RUGG, Julie - The development of Cemeteries in Portugal, c.1755 - c.1870. In "Mortality", vol. 8, n.º 2, Taylor & Francis Ltd., May 2003, p. 113-128.
 - 3 - SILVA / MENESES - Elucidário Madeirense, Volume I (A-E), p. 266.
 - 4 - O enterramento nas margens de rios foi relativamente comum no século XVIII em outras comunidades britânicas na Península Ibérica. DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 17-32.
 - 5 - São também de 1716 e anos seguintes os mais antigos registos de baptismos e casamentos, bem como da feitoria inglesa no Porto. Estes registos estarão arquivados na Guildhall Library, em Londres. DELAFORCE - The Factory House at Oporto, p. 21.
 - 6 - Para aprofundamento veja-se DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 18.
 - 7 - Citado por GUIMARÃES - O comércio dos vinhos de ribadouro e o desenvolvimento medieval e moderno de Vila Nova de Gaia, p. 145, nota 29.
 - 8 - DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 20.
 - 9 - O primitivo cemitério britânico ficava no local do Largo do Conde do Ribeiro Real, ao fim da Rua 5 de Junho. SILVA / MENESES - Ob. cit., volume I (A-E), p. 266.
 - 10 - Em 1888, pela necessidade de abrir uma nova rua, a Câmara Municipal do Funchal adquire o terreno do cemitério britânico mais antigo, o qual foi transferido para o cemitério britânico estabelecido em 1808. A cedência do primitivo cemitério britânico e respectiva capela à Câmara Municipal do Funchal fez-se em Agosto de 1888, tendo-se obrigado a Câmara a facilitar a remoção dos restos mortais existentes naquele recinto para um terreno contíguo ao outro cemitério britânico, terreno esse que os britânicos não tinham até então podido aplicar ao alargamento do mesmo cemitério por falta de licença. O último enterramento no primitivo cemitério do Funchal fez-se em Julho de 1885. SILVA / MENESES - Ob. cit., volume I (A-E), p. 266.
 - 11 - DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 20.
 - 12 - IDEM, Ibidem, p. 21.
 - 13 - IDEM, Ibidem, p. 21.
 - 14 - IDEM, Ibidem, p. 22-23.
 - 15 - IDEM, Ibidem, p. 24.
 - 16 - IDEM - The Factory House at Oporto, p. 25.
 - 17 - COELHO - Novos esclarecimentos sobre o cemitério inglês da Figueira.
 - 18 - Esta remoção e recolocação de monumentos impede-nos hoje de ter uma ideia mais concreta sobre a sequência de colocação de monumentos e eventuais zonas mais nobres no cemitério.
 - 19 - Se quiséssemos ser historicamente rigorosos, teríamos usado a expressão "capelas protestantes". Contudo, na perspectiva actual de que uma igreja é um edifício amplo que serve regularmente uma comunidade de fiéis alargada, parece-nos aceitável usar a expressão "igrejas protestantes".
 - 20 - Devemos esta informação a Brian Ernest Bowyer, a quem agradecemos.
 - 21 - DELAFORCE - The Factory House at Oporto, p. 23.
 - 22 - IDEM, Ibidem, p. 24 e 34.
 - 23 - Até então, servia de capela protestante o salão da própria Feitoria. IDEM - Anglicans Abroad, p. 34.
 - 24 - IDEM, Ibidem, p. 28.
 - 25 - IDEM, Ibidem, p. 45.
 - 26 - IDEM - The Factory House at Oporto, p. 24.
 - 27 - IDEM, Ibidem, p. 24.
 - 28 - SANTOS - Luiz Chiari, p. 204.
 - 29 - FRANÇA - A Arte em Portugal no século XIX, vol. I, p. 179.
 - 30 - Sobre este assunto veja-se QUEIROZ - Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal, tomo I, vol. 1.
 - 31 - COELHO - Ob. cit.
 - 32 - DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 33.
 - 33 - "O Commercio do Porto", 19 de Junho de 1866.
 - 34 - DELAFORCE - Anglicans Abroad, 1982, p. 28.

- 35 - Da série das suas conhecidas vistas do Porto em 1833, publicadas pela Biblioteca Pública Municipal do Porto.
- 36 - Sobre este assunto veja-se QUEIROZ - Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal, tomo I, vol. 1.
- 37 - Estas plantas foram publicadas em 1992 no Álbum de cartografia portuense.
- 38 - DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 58.
- 39 - IDEM, Ibidem, p. 59.
- 40 - Existe recibo de embarque, em 1830, bem como registo de pagamento, de 1831, do corte dessas pedras, segundo DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 59 e 100 e IDEM - The Factory House at Oporto, p. 25. Infelizmente, ainda não tivemos oportunidade de ver este documento.
- 41 - DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 59.
- 42 - SILVA / MENESES - Ob. cit., volume I (A-E), p. 266.
- 43 - DELAFORCE - The Factory House at Oporto, p. 22.
- 44 - Em finais do século XIX, as comunidades protestantes não anglicanas residentes no Porto procuraram mesmo criar um cemitério próprio dentro do Cemitério de Agramonte. Este processo foi complexo, só podendo ser abordado com detalhe num outro trabalho. Ainda assim, refira-se que o máximo que estas comunidades conseguiram foi uma secção privativa não vedada em Agramonte, onde ainda hoje se podem encontrar túmulos de relevo (como o de Emílio Biel ou os dois interessantes túmulos da família Andresen).
- 45 - Baseamo-nos em COELHO - Ob. cit.
- 46 - DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 28.
- 47 - IDEM, Ibidem, p. 29.
- 48 - IDEM, Ibidem, p. 30.
- 49 - IDEM, Ibidem, p. 25.
- 50 - Seja por causa do inglês utilizado ser mais arcaico e de mais difícil compreensão para um português, seja porque quem a transcreveu e publicou possa ter omitido algum sinal de pontuação. Aliás, relativamente ao que incluímos na nossa tese de Doutoramento, este capítulo foi algo reformulado em função de uma leitura mais atenta da referida carta.
- 51 - DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 30.
- 52 - IDEM, Ibidem, p. 25.
- 53 - Porém, houve excepções, que são abordadas na nossa já citada tese de Doutoramento.
- 54 - Sobre Emídio Amatucci, veja-se também o resumo biográfico a publicar em QUEIROZ, J. Francisco Ferreira - Os Amatucci: três gerações de uma família de artistas. Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte - Artistas e Artífices e sua Mobilidade no mundo de expressão portuguesa (Porto, Viana do Castelo, Barcelos e Póvoa de Varzim, 20 a 23 de Junho de 2005).
- 55 - "Noticiador Commercial Portuense", n.º 22, 7 de Dezembro de 1840, p. 70.
- 56 - Não podemos garantir a fiabilidade desta data, pois o epitáfio lê-se mal. Contudo, trata-se certamente de 1838 ou 1836.
- 57 - DELAFORCE - Anglicans Abroad, p. 25.
- 58 - IDEM, Ibidem, p. 24.

Fontes e Bibliografia

Álbum de cartografia portuense (cinco plantas anteriores à de 1892). Porto, Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1992.

Buried in Hampstead. A Survey of Monuments at Saint-John-at-Hampstead. By Camden History Society. Reported by Christopher Wade and photographed by Terence Nunn. London, Camden History Society, 1986.

COELHO, João de Oliveira - Novos esclarecimentos sobre o cemitério inglês da Figueira. Separata de "Notícias da Figueira", n.º 1077, Figueira da Foz, 1962.

"O Commercio do Porto", Porto, 1866.

DELAFORCE, John - Anglicans Abroad. The history of the chaplaincy and church of St. James at Oporto. London, Society for Promoting Christian Knowledge, 1982.

DELAFORCE, John - The Factory House at Oporto. London, Christie's Wine Publications, 1979, p. 21

DIAS, Vítor Manuel Lopes - Cemitérios. Jazigos e sepulturas. Monografia. Porto, Editorial Domingos Barreira, 1963.

FRANÇA, José Augusto - A Arte em Portugal no século XIX (2 vols.). Lisboa, Bertrand, 1966.

GUIMARÃES, Joaquim António Gonçalves - O comércio dos vinhos de ribadouro e o desenvolvimento medieval e moderno de Vila Nova de Gaia. In "Gaya", revista do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, n.º 5, Gaia, 1987, p. 145, nota 29.

MAY, Trevor - The Victorian Undertaker. Princes Risborough - Buckinghamshire, Shire Publications, 1996.

"Noticiador Commercial Portuense", 1840.

QUEIROZ, J. Francisco Ferreira - O ferro na arte funerária do Porto oitocentista. O Cemitério da Irmandade de N.ª Sra. da Lapa, 1833-1900. Porto, [s.n.], 1997, 3 volumes. Dissertação de Mestrado em História da Arte orientada pelo Prof. Doutor Agostinho Araújo e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

QUEIROZ, J. Francisco Ferreira - Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal. Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória. Porto, [s.n.], 2002, 3 tomos. Tese de Doutoramento em História da Arte orientada pelo Prof. Doutor Agostinho Araújo e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

QUEIROZ, J. Francisco Ferreira / RUGG, Julie - The development of Cemeteries in Portugal, c.1755 - c.1870. In "Mortality", vol. 8, n.º 2, Taylor & Francis Ltd., May 2003, p. 113-128.

RUGG, Julie - Cemeteries: a cultural history. 1740-2001. Provas para publicação.

SANTOS, Paula Mesquita dos - Luiz Chiari: mestre entalhador, estucador, cenógrafo e arquitecto em Portugal. In "Museu", revista do Círculo Dr. José de Figueiredo, IV série, n.º 4, Porto, 1995, p. 204.

SILVA, Pe. Fernando Augusto da / MENESES, Carlos Azevedo de - Elucidário Madeirense. Fac-símile da edição de 1946. Volume I (A-E).

VIEIRA, Paula Cristina André dos Ramos Pinto - Os cemitérios de Lisboa no século XIX. Pensar e construir o novo palco da memória. Tese de Mestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999 (3 vols., policopiados).